



Tecendo olhares à beira-mar

A vida submarina, de Ana Martins Marques

Filipe Manzoni*

Ana Martins Marques estreia já com ares de antologia: *A vida submarina* (2009) surpreende pelo volume (mais de cem poemas) e pela segurança que deixa transparecer em sua própria voz. Nada aqui soa a experimentalismo, todas as possibilidades abertas por seus versos são trilhadas sem hesitação. Desde o erotismo até a reflexão metapoética, há sempre um modo de fazer poesia que é perene, causando uma sensação de continuidade e grande rigor estético. Mesmo nos variados arroubos temáticos que atravessam o livro, o modo depurado com que faz o poema se mostra soberano.

É importante ressaltar o quanto suas poesias são visuais, ou antes, fotográficas. Não apenas nas alusões a fotografias, desenhos e álbuns espalhadas pelos poemas, mas na concentração da reflexão orbitando uma mesma imagem, que vai sendo adensada sem pressa até a ressignificação. O poema é um “dardo atirado a coisas mínimas” numa trajetória (ora mais linear, ora espiralada) rumo a um novo sentido. Não é a toa que quase todos os poemas do livro têm apenas uma palavra como título, semelhante a uma foto com um objeto em primeiro plano. Mesmo quando o que está em foco é o próprio referente poético, a estrutura de adensamento progressivo do sentido segue intacta, como podemos observar em “Vaso”:

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Moldar em torno do nada
uma forma
aberta e fechada.

Palavra por palavra
o poema circunscreve seu vazio (p. 20).

Outros exemplos semelhantes poderiam ser dados, como em “Aquário”, “Marinha” e “Âncora”, todas imagens-título retiradas de um cotidiano que não parte do extraordinário, mas se dirige a ele, como um mergulho nos diversos copos de mar que se oferecem a qualquer olhar atento.

Há de se dizer também do erotismo patente, que possui a tão rara ousadia pronominal: não se esquiva a se dirigir em segunda pessoa e usa largamente o “nós”. Essa característica se derrama por todo o livro e, diga-se de passagem, não há a impessoalidade segura atrás da qual se constrói o lirismo contido; as lembranças não sofrem um processo de assepsia e abstração (o que se transformou quase num fordismo lírico) para invadirem o poema: a poesia é quente, pulsante e dá às coisas a face viva delas mesmas.

“O inquilino”

Entre a cadeira e a noite
estás como inquilino no quarto dos objetos quietos.
Lâmpada pendida
sobre o sono
cheio de imagens.
O lençol sujo da falta

de quem não veio esta noite.
E a luz que queima em silêncio
dentro do corpo (p. 101).

Por fim, é impossível não se deter nas releituras sucessivas da personagem mítica Penélope. São cinco poemas “Penélope”, mais “A outra noite”, cada um abordando uma face diferente da personagem. É como se a imagem costurasse as diversas tensões instauradas durante todo o livro – noite e dia, a temática marinha, a espera e o amor – numa mesma trama que se tece e destece de diversas formas.

“Penélope (I)”

O que o dia tece
a noite esquece.

O que o dia traça
a noite esgarça.

De dia, tramas,
de noite, traças.

De dia, sedas,
de noite, perdas.

De dia, malhas,
de noite, falhas (p. 89).

A imagem de Penélope não é simples ou plana, pois tem na própria recorrência no livro a chave de seu dinamismo: ela se tece

e destece, sendo espera recheada de dúvidas e heroicidade, retraimento e tentação em suas diferentes faces e camadas.

Por fim, ao rematar os fios de sua imagem, Ana Martins Marques fecha seu livro invertendo o papel da odisseia, pondo em xeque, em apenas quatro versos, toda a imagem já cristalizada da espera como uma extensão da passividade. A face final de Penélope não faz julgamentos de valor de nenhuma natureza, apenas toma para si a voz por tanto tempo negada:

“Penélope (VI)”

E então se sentam
lado a lado
para que ela lhe narre
a odisseia da espera (p. 142).